

## **LÍNGUA E IDENTIDADE. ESTUDO DE COMUNICAÇÃO COMPARADA SOBRE A COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA (CPLP) <sup>1</sup>**

BENALVA DA SILVA VITÓRIO \*

### **Língua portuguesa**

*Última flor do Lácio, inculca e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos veia ...*

OLAVO BILAC

### **Língua**

*Flor do Lácio Sambódromo  
Lusamérica latim em pó  
O que quer  
O que pode  
Esta língua?  
Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas  
E o falso inglês relax dos surfistas  
Sejamos imperialistas  
Vamos na velô da dicção chooo chooo de Carmen Miranda  
E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate*

CAETANO VELOSO

---

\* Universidade Católica de Santos, Santos.

<sup>1</sup> Trabalho realizado com os alunos do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Santos e Centro Universitário Monte Serrat.

## Introdução

Em momento e contexto diferentes, a língua materna inspirou dois brasileiros. O primeiro, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, carioca, poeta de idéias parnasianas. O segundo, Caetano Emanuel Viana Teles Veloso, baiano, compositor e cantor, um dos marcos do movimento Tropicalista e referência da Música Popular Brasileira.

Se Bilac escreve sobre a língua «*do limbo de sua superestrutura*», Caetano faz descê-la «*ao território da vida e da experiência*», passando a localizá-la «*no processo mesmo de produção de sentido*». Emprestamos de Martín-Barbero<sup>2</sup> essa visão da língua, que «*trabalha e é trabalhada pela história, ao mesmo tempo em que é fonte de 'competência social', lingüística e ideológica*».

Para Martín-Barbero, «*isso implica assumir o 'retorno do sujeito', impen-sável naquela redutora concepção da linguagem como mero instrumento ideológico de classe*». Vemos, assim, a passagem «*da linguagem-instrumento*», em Olavo Bilac, à «*linguagem constitutiva da experiência humana, da riqueza e complexidade das relações sociais*», em Caetano Veloso, segundo a visão barberiana.

É de dessa língua em movimento ao longo de cinco séculos que trataremos no presente trabalho. Ou melhor, a partir dessa língua, pois a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP – é o objeto da investigação que realizamos, no âmbito do conteúdo programático da disciplina Comunicação Comparada, com os alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Santos e Centro Universitário Monte Serrat, na cidade de Santos, litoral do Estado de São Paulo.

Como elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, a língua, defende Baccega<sup>3</sup>, «*não é apenas um instrumento com a finalidade de transmitir informações. É um todo dinâmico que abarca o movimento da sociedade: por isso é lugar de conflitos. Esses conflitos se 'concretizam' nos discursos. Neles, as realizações lingüísticas trazem inscritas as diferenças de interesses, as propostas de direções diversas para o mesmo processo histórico*».

Oficialmente, a língua é a mesma no Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, os países membros da CPLP. Contudo, há *barreiras da língua comum*, como mostra Millôr Fernandes<sup>4</sup> nos dois textos abaixo:

---

<sup>2</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. In: *Comunicação e linguagem. Discurso e ciência*. Maria Aparecida Baccega, prefácio.

<sup>3</sup> BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso. História e literatura*. p. 48.

<sup>4</sup> FERNANDES, Millôr. *A barreira da língua comum*. p. 5.

*Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um borracho muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente convidei a chavala a um copo. Botei o chiante na berma e ordenamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panas-queiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado da pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe-nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!) e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro.*

A tradução de Millôr para a língua que se fala no Brasil é a seguinte:

*Eu dirigia meu carro por um caminho de pedras tendo ao lado uma gata espetacular, quando vi um lombo na estrada de contorno que um escroto teve o desca-ramento de fazer. Por pouco não bati nele. Como havia em frente uma lanchonete, convidei a gata a tomar um drinque. Coloquei o carro no acostamento e pedimos ao garçom sanduíche de presunto com pão de forma, eu, e ela sanduíche de lombinho. O gozador, com jeito de don Juan bicha, muito louco, embora nos tratando muito bem, trouxe o sanduíche com o pão queimado (e sem azeitonas!) e não tendo sanduíche de lombinho, trouxe um de churrasquinho duro.*

Millôr confessa que só foi possível traduzir o texto com a ajuda de dois dicionários: Dicionário Lusitano-Brasileiro, Edições Plaquete, Rio, 1981, um livreto artesanal de Eno Teodoro Wanke e o Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro, da Guanabara, de Mauro Villar.

Mas nem sempre o dicionário ajuda a compreender um texto, ou seja, a dar o sentido às palavras. *Carcaça*, por exemplo, sabemos que, em Lisboa, é a média ou pãozinho brasileiro e não *pão de forma*, conforme a tradução de Millôr.

A esse respeito, Ferreira<sup>5</sup> lembra que *a condição de possibilidade do processo de compreensão é viabilizada pela herança lingüística, recebida e adotada pelos falantes de uma determinada língua: ou seja, pela esfera de sentido que perpassa uma comunidade lingüística. (...) Aquele que domina um conjunto lingüístico é o que conhece os signos, códigos e, acima de tudo, que vivencia e introjeta o conjunto de significabilidade de uma língua.*

Concordamos com Baccaga<sup>6</sup> que a atividade lingüística não consiste simplesmente em «etiquetar» a realidade. *O valor dos objetos, das ações é atribuído pela sociedade e circula no universo lingüístico. As possibilidades de nossa interação com eles existem, portanto, dentro desse universo, já que só podemos tomar consciência dessas relações na medida em que significam e elas significam apenas por meio da linguagem.*

<sup>5</sup> FERREIRA, Acylene Maria Cabral. *Linguagem e Cultura*. pp. 154-155.

<sup>6</sup> BACDEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem. Discursos e Ciência*. p. 20.

## A dupla função de comunicar

Como jornalista e docente, exercemos a dupla função de sujeito-comunicador, trabalhando com o cotidiano, do presente ou do passado, criando novas realidades para públicos distintos: o receptor da mídia e o da sala de aula. Para os dois, o produto da nossa elaboração – a palavra – *vai no sentido da desalienação do outro*, de acordo com a observação de Baccega.

É na posição de professora do Curso de Comunicação Social em duas instituições de ensino superior, que decidimos investigar o conhecimento dos acadêmicos de Santos, em cinco áreas do conhecimento, a respeito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a CPLP.

Embora de formação recente, essa Comunidade, no nosso entender e a exemplo do ensaísta angolano Agualusa<sup>7</sup>, *é fundamental para a sobrevivência cultural dos países lusófonos e para a preservação da língua portuguesa no mundo*. Além disso, representa o intercâmbio cultural entre as sete nações de língua oficial portuguesa, reativando a identidade luso-afro-brasileira e até mesmo luso-afro-ásio-brasileira, como considera José Marques de Melo.

A recente conquista nos meios diplomáticos de se adotar a Língua Portuguesa como idioma de trabalho da UNESCO reafirma a posição da *sétima língua* mais usada em todo o mundo, envolvendo um universo de falantes potenciais estimado em 200 milhões de pessoas. Desse total, 5 milhões correspondem aos imigrantes brasileiros, portugueses e luso-africanos localizados no norte da Europa e da América, na Austrália, na África do Sul, no Japão e em outros lugares, como apontam estudiosos sobre o assunto.

Considerando-se a universidade inseparável das idéias de *formação, reflexão, criação e crítica*, julgamos ser esse o lugar ideal de se buscar apoio para o conhecimento de nós próprios e dos outros que, no espaço do mundo moderno da globalização, formamos uma Comunidade, de interesses, é claro, mas acima de tudo de raízes comuns: a lusófona.

A partir desses princípios, estruturamos o presente trabalho que, com o apoio do meio acadêmico santista, esperamos poder contribuir no incremento da CPLP, oficializada em julho de 1996.

Sendo assim, com o desenvolvimento dessa investigação, objetivamos promover o conhecimento recíproco entre estudantes do terceiro grau, dos sete países membros da CPLP. Para tanto, a nossa proposta é a de se formar um núcleo de estudo sobre a Comunidade, com a participação do corpo discente das seis instituições de ensino superior de Santos.

---

<sup>7</sup> AGUALUSA, José Eduardo. *Fundamental para todos os países da nossa língua*. p. 8.

Especificamente, o nosso propósito é o de incentivar o intercâmbio cultural entre os acadêmicos dos países de língua portuguesa, a partir dos conhecimentos da amostra nessa investigação. Pretendemos, assim, preservar os laços culturais comuns de raízes lusófonas, a começar pelo conhecimento do que somos e do que são os «outros» da Comunidade.

Consideramos que, com este trabalho, possamos contribuir na reativação da identidade luso-afro-brasileira *como um modo de ordenar a experiência humana por meios simbólicos*, ou seja, culturais. Vista dessa forma, DaMatta<sup>8</sup> considera que *a cultura deixa de ser um obstáculo para ser compreendida na sua dinâmica e na sua positividade*. A questão, explica o antropólogo, *não se reduz a um conflito estéril entre valores locais (reacionários) e uma agenda global (progressista)*. Mas diz respeito, *isso sim, a como permitir que certos valores locais (clientelismo, pessoalismo, magia, transe, carnaval, feijoada, malandragem, lealdade para com os amigos, amor pela casa, honra pessoal) possam canibalizar valores universais, fazendo com que tenham um sentido concreto dentro do cotidiano a que eles dão vida e sentido*.

A partir de um lugar determinado de trabalho, a universidade, desenvolvendo atividades de pesquisa com uma empresa de comunicação, jornal *A Tribuna*, de Santos, contando com o apoio da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação, justificamos a nossa iniciativa.

A escolha do assunto para análise deve-se ao que se comemora desde 1998, em Portugal, e no ano 2000 no Brasil: os Descobrimentos Portugueses. Vinculamo-nos, portanto, ao projeto regional *Os 500 Anos dos Descobrimentos Portugueses*, do qual fazem parte as instituições de ensino superior de Santos, sob a coordenação de *A Tribuna*, jornal centenário de Santos. Vale lembrar que o IV Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação – LUSOCOM – que será realizado na cidade de São Vicente – *Cellula Mater da Nacionalidade Brasileira* – em abril do ano 2000, faz parte desse projeto regional.

A cidade de Santos, primeira em qualidade de vida do Estado, abriga o maior porto da América Latina e seis instituições de ensino superior: Universidade Católica (UNISANTOS), Universidade Santa Cecília (UNISANTA), Universidade Metropolitana (UNIMES), Universidade Paulista (UNIP), Centro Universitário Monte Serrat (UNIMONTE) e Centro Universitário Lusíadas (UNILUS).

Com fortes traços da cultura portuguesa na cidade, com a mídia bombardeando as pessoas sobre os «500 Anos do Brasil» ou «Brasil 500 Anos», com os bares, discotecas, praias e calçadões à beira-mar explorando os modismos «afros», surgiram-nos inquietações: o que sabem os jovens universitários da Cidade sobre o espaço de língua portuguesa? Que imagem têm dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, os PALOPs? Que

<sup>8</sup> DAMATTA, Roberto. *A dualidade do conceito de cultura*. p. D7.

referência têm de Portugal? Que relação estabelecem entre a História do Brasil e a de Portugal?

Em sala de aula, constatamos que os conhecimentos da língua materna, da História e da Geografia que esses jovens trazem para a universidade são reduzidos, senão insuficientes. É verdade que dominam a informática. Mas, estamos de acordo com Druon<sup>9</sup>: *a informática, esse instrumento rápido e eficaz de progresso material, é mental e culturalmente redutor.*

Diante desse quadro, levantamos algumas hipóteses: que os universitários não conhecem a comunidade de língua a que pertencem, que têm imagem estereotipada dos países africanos e mesmo de Portugal. Talvez a causa desses desvios esteja no sistema de ensino. Os conteúdos das disciplinas são trabalhados de forma fragmentada, sem aprofundamento e sem condições para reflexão crítica a respeito da História, da Geografia e da própria língua materna. Outro pressuposto é que o conhecimento que têm sobre o espaço lusófono esteja restrito ao que veicula a mídia que, por sua vez, também difunde as informações no mesmo processo fragmentário, superficial, sem fornecer ao receptor elementos para a análise e crítica dos fatos que veiculam.

Para desenvolver este trabalho, contamos com a participação dos alunos no segundo ano do Curso de Comunicação Social das duas instituições em que conduzimos a disciplina Comunicação Comparada: Universidade Católica de Santos e Centro Universitário Monte Serrat. Na UniSantos, os alunos freqüentam o curso por habilitação. Ali trabalhamos com quatro turmas: duas de Jornalismo (manhã e noite), uma de Publicidade e Propaganda e uma de Relações Públicas, no período noturno. No Unimonte, ministramos a disciplina para os alunos de Jornalismo e Publicidade, na mesma turma que funciona à noite.

Em cada uma das turmas, a classe foi dividida em cinco grupos. Como a atividade na disciplina esteve orientada para trabalho de campo, em cada turma os alunos realizaram levantamento junto às instituições de ensino superior da Cidade para saber se ministravam os cursos analisados, contaram a instituição para a aplicação do instrumento de sondagem, solicitaram autorização do professor em sala de aula, quando da aplicação do formulário. Tal procedimento objetivou avaliar as turmas quanto: à organização para trabalho em grupo, à iniciativa e liderança entre os alunos e entre as turmas, à capacidade de resolver problemas, à interação entre os alunos nas classes, ao espírito de observação e análise da realidade exterior à sala de aula.

O universo pesquisado compreendeu alunos dos cursos de Letras, História, Pedagogia, Comunicação Social e Direito, que consideramos, *a priori*, os mais inteirados com a língua materna e com os princípios da

<sup>9</sup> SABOIA, Napoleão. *Um elogio da diferença na sociedade de bits*. p. 6D.

nossa história. Além disso, são cursos que fazem parte da tradição do ensino superior da Cidade. Introduzidos pela Sociedade Visconde de São Leopoldo, mantenedora da Universidade Católica de Santos, os cursos de Letras, História, Pedagogia e Jornalismo datam de 1954, quando foram reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura. Direito foi autorizado a funcionar pela São Leopoldo em 1952. Da Escola de Jornalismo Jackson Figueiredo, autorizada em 1954, criou-se a Faculdade de Comunicação Social, reconhecida em 1974.

Da amostra fazem parte os cinco primeiros alunos de cada classe (de acordo com a caderneta de chamada do professor), em cada ano dos referidos cursos, nas instituições de ensino que oferecem os cursos.

Através de sorteio, os cinco cursos foram assim distribuídos entre os alunos pesquisadores:

Letras –	2.º Jornalismo, matutino, UniSantos
Direito –	2.º Jornalismo, noturno, UniSantos
Comunicação Social –	2.º Publicidade e Propaganda, noturno, UniSantos
Pedagogia –	2.º Relações Públicas, noturno, UniSantos
História –	2.º Comunicação Social, noturno, Unimonte

O período de aplicação do instrumento aconteceu na semana de 24 a 29 de maio de 1999. A tabulação dos dados foi realizada em sala de aula, na semana posterior à aplicação do instrumento, sob a nossa orientação. Os alunos pesquisadores, embora tenham sido também investigados, no momento da aplicação do instrumento, foram excluídos da amostra do presente documento. Suas respostas serão tabuladas, descritas e analisadas à parte, o que consistirá em objeto de estudo, posteriormente.

## O conhecimento do outro

*Não há melhor colaboração e cooperação sem o verdadeiro conhecimento do outro, como não há sincera retomada de si mesmo, de sua personalidade e de sua identidade sem reconstrução de sua história, de seu pano de fundo tradicional.*

Kabengele Munanga

Nestes chamados 500 anos de Brasil, Santos<sup>10</sup> levanta o que considera a questão central sobre a nossa interpretação de nós próprios, perguntando: *é possível opor uma história do Brasil a uma história europeia do Brasil,*

<sup>10</sup> SANTOS, Milton. *O País Distorcido*. p. 3.

*um pensamento brasileiro em lugar de um pensamento europeu ou norte-americano do Brasil ainda que conduzido aqui pelos bravos «brazilianists» brasileiros?*

Como resposta, Santos revela a tensão entre o universal e o internacional, buscando, na raiz de nossa necessidade, a legitimação da cultura brasileira. *Ser internacional não é ser universal e para ser universal não é necessário situar-se nos centros do mundo. Inclusive pode-se ser universal ficando confinado à sua própria língua, isto é, sem ser traduzido. Não se trata de dar as costas à realidade do mundo, mas de pensá-la a partir do que somos, enriquecendo-a universalmente com as nossas idéias, e aceitando ser, desse modo, submetidos a uma crítica universalista e não propriamente européia ou norte-americana.*

Considerando-se a universidade como instituição social, julgamos oportuna a «hora e a vez» – os 500 Anos dos Descobrimentos Portugueses, os 500 Anos do Brasil – para, a partir da universidade, retomar a nossa história, rever nossa cultura, compreender, enfim, a nossa identidade. Compreensão como um meio – estabelecer a significação e a experiência compartilhada – e um fim – estabelecer a comunicação. Comunicar o compreendido, que segundo Ferreira<sup>11</sup> é a realização do significado.

Refletindo sobre a atual reforma do Estado brasileiro, *que ameaça esvaziar a instituição universitária com sua lógica de mercado*, Chauí<sup>12</sup> compara a pesquisa numa universidade operacional, sob a ideologia pós-moderna, com a realizada na universidade como instituição social.

Na primeira, entende a «pesquisa» como *delimitação estratégica de um campo de intervenção e controle*. Dessa forma, Chauí considera que *a avaliação desse trabalho só pode ser feita em termos compreensíveis para uma organização, isto é, em termos de custo-benefício, pautada pela idéia de produtividade, que avalia em quanto tempo, com que custo e quanto foi produzido*. Considera que nesse tipo de pesquisa ficam excluídos a reflexão, a crítica, o exame de conhecimentos instituídos, sua mudança ou sua superação.

Por outro lado, Chauí entende a pesquisa em uma universidade, enquanto instituição social, como investigação que lança a interrogação, que pede a reflexão, a crítica, que promove a descoberta, a invenção e a criação.

Nesse sentido, consideramos este nosso trabalho como pesquisa, pois, realizado em instituição universitária, objetiva formar e criar pensamento, incentivar a linguagem de sentido, construir a curiosidade e a admiração que levam à descoberta do novo, ressaltando a pretensão de transformação

---

<sup>11</sup> *Id., ib.*, p. 164.

<sup>12</sup> CHAUI, Marilena. *A universidade operacional*. p. 3.



histórica como ação consciente dos seres humanos em condições materialmente determinadas, de acordo com o postulado de Chauvi.

### Comunidade sem fronteira física

A percepção da propriedade e identidade de uma cultura começa do contato e do encontro com culturas diferentes. *É no confronto entre as diferenças culturais que cada povo pode vislumbrar o que é próprio de si e do outro, o que os une e os separa, em que ponto podem trocar experiências e viver em comunidade e ainda é diante da diferença que os povos podem ver qual é o limite que está entre eles*, como observa Ferreira<sup>13</sup>.

Procurando entender um povo historial conformado em uma comunidade de língua, a portuguesa, começamos por revisitar a geografia, através do roteiro de Comitini<sup>14</sup>.

Em 1620, Francis Bacon levantou a possibilidade de que o hemisfério oeste estivera unido à Europa e África. Quase no fim do século XIX, o geólogo austríaco Eduard Suess percebeu tanta similitude entre as formações geológicas das terras do hemisfério sul que as fixou dentro de um único continente: *Gondwana* (o nome vem de Gondwana, uma província geológica chave no centro-leste da Índia).

Posteriormente, em 1910, o alemão Alfred L. Wegener disse que, antes de começar a Era Mesozóica (há aproximadamente 200 milhões de anos), todos os continentes integraram uma única e ampla massa de terra, que batizou como *Pangea*.

Hoje, as provas são favoráveis ao conceito de duas grandes massas de terra: *Gondwana*, no hemisfério sul, e *Laurasia*, no norte. A primeira formada pelas futuras América do Sul, Índia, Austrália e Antártida. A segunda constituída pelo que mais tarde seria a América do Norte, Groenlândia e a parte euroasiática no norte dos Alpes e o Himalaia.

Mas as discussões continuam entre aqueles que afirmam que a Terra tem sido rígida desde o princípio e que o será até o fim da sua história, com os continentes e as bacias oceânicas fixas. Por outro lado, os estudiosos mais avançados insistem que a Terra é ligeiramente plástica, com os continentes derivando lentamente sobre a sua superfície, fraturando-se e solidando-se e, talvez, crescendo durante o processo.

Em simpósio organizado pela Royal Society da Inglaterra, em 1964, foi apresentado um estudo sobre o encaixe geográfico dos continentes em ambos os lados do Atlântico, nos dois hemisférios. Os estudos demons-

<sup>13</sup> *Id., ib.*, p. 166.

<sup>14</sup> COMITINI, Carlos. *África. O Povo*. pp. 11-22.

traram o limite entre a província geológica de Gana, Costa do Marfim e as zonas situadas no oeste destes países, de idade geológica de 2 bilhões de anos, e a província de Benin, Nigéria e as regiões ao leste, penetrando no oceano perto de Accra, capital de Gana.

Segundo os cientistas, se o Brasil estava unido à África há 600 milhões de anos, o limite deveria estar na América do Sul, perto de São Luís, estado do Maranhão, na costa nordeste brasileira.

As pesquisas constataram que as idades dividiam-se em dois grupos: um de 2 bilhões de anos e outro de 600 milhões, situados, respectivamente, a oeste do limite que se tinha predito. Aparentemente, uma parte do *cratón* ocidental africano de 2 bilhões de anos havia sido cedida ao continente sul-americano. Convém lembrar que a idade aproximada da Terra é de 4.500 bilhões de anos.

## A aproximação com a História

Independente dos escritos oficiais registrarem Descobrimento, Chegada, Achamento, Colonização, a História aproximou povos dos três continentes que, num passado remoto, estiveram interligados geograficamente. Não cabe aqui discutir os motivos que levaram Portugal a estender seus domínios territoriais em África e América, nem tampouco os meios para tal fim. A questão que se põe é o nosso conhecimento acerca dos «outros» que conosco constituem, hoje, uma comunidade: a da Língua.

Como afirma Baccega<sup>15</sup>, interessa à História tudo o que, tendo ultrapassado o indivíduo, tem influência na vida social. *Nesse sentido, o que o historiador procura é a significação humana desses fatos, ou seja, ele tenta compreender as ações dos homens, quais são suas finalidades, como interpretá-la como desvelar o enredamento, a tessitura das relações sociais, cenários da existência do homem.*

Ao questionar a maneira como se ensina a ler o discurso da História, Baccega relata o que ocorria em seu tempo de estudante, o que, infelizmente ainda deve ser corrente em sala de aula:

*Em nenhum momento, a possibilidade de uma reflexão, de uma interpretação entre História e as outras disciplinas, entre o passado e o presente. Futuro? Jamais. Ficava por conta do «destino».*

Se os países africanos e os da América Latina estão em busca de sua verdadeira imagem histórica, como considera Kabengele Munanga<sup>16</sup>,

<sup>15</sup> *Id., ib.*, pp. 25-28.

<sup>16</sup> MUNANGA, Kabengele. In: prefácio de *África. O Povo*. Carlos Comitini.

situamo-nos entre os segmentos desses povos, pois, além dessa busca, preocupamo-nos também com a nossa identidade e nossas raízes. Concor damos com os que defendem a cooperação e identidade repousando num denominador comum: o conhecimento do outro, que é também o conheci mento de si mesmo.

## A língua como conhecimento

Nada melhor do que a língua comum para o conhecimento recíproco, apesar dos desvios, como foi demonstrado atrás no texto de Millôr Fernan des. Há quem considere, contudo, que todas as línguas estão passando por processos de degradação. Druon<sup>17</sup> aponta diversas causas para esse fenômeno: *transição que vivemos da civilização do impresso para a da imagem, provocando a desvalorização da escrita e da leitura; a deterioração do nível do ensino, que já não transmite o sentido preciso das palavras, das acepções; a pressa com que as pessoas precisam aprender montanhas de novos conhecimentos e nisso acabam não dominando bem os termos, as denominações do que devem assimilar etc.*

Em seu trabalho que aborda filosoficamente o problema da linguagem, Ferreira<sup>18</sup> toma como ponto de partida a compreensão. Considera a inter pretação como modo de operar o compreender, como participação de um sentido. Encontra em Heidegger a explicação para a estrutura do sentido, que *tem sua constituição na existência do homem, ou seja, na sua história. Nesta perspectiva, a linguagem é historial. Pensar historicamente a lingua gem significa participar de um sentido presente, legado pela tradição, pois todo contemporâneo diz respeito ao passado que atua nele. O passado, trans mitido pela tradição e que permanece no presente de uma sociedade, não é o passado como simples repetição. Mas o passado enraizado no futuro, passado este que é capaz de fazer uma reconversão e transposição de seus signos em sentido e discursos, ao interpretar o mundo que lhe aparece constituído.*

Na interpretação da comunidade lusófona, tomamos o interpretar como traduzir, ou seja, *ir além dos fatos apresentados, para poder melhor abarcar o que de novo se apresenta*, diante de nossa condição de intérprete. Além dessa acepção, esperamos que essa tradução seja estabelecida como diálogo, pois participamos de um mundo lingüístico, o Português, comum a uma sociedade cultural, a lusófona. Esperamos, assim, que tenhamos condições de sair do nosso próprio universo de compreensão e de entrar na compreensão de mundo do «outro», para que esse «outro» possa também sair de si e passar a fazer parte da nossa visão de mundo.

---

<sup>17</sup> *Id., ib.*, p. 6D.

<sup>18</sup> *Id., ib.*, p. 154.

## Comunicação e conhecimento

Entraremos, dessa forma, num processo de comunicação com conhecimento. Não por meio dos sistemas atuais de comunicação que, desconhecendo as dúvidas, os «talvez», só respondem com «sim» ou com «não» às questões que lhe são apresentadas, como critica Druon<sup>19</sup>, referindo-se à sociedade de bits.

A comunicação que pretendemos estabelecer com os «outros» da nossa comunidade de língua deve permitir acesso ao conhecimento, o que implica crítica. Trata-se, como lembra Baccega<sup>20</sup>, *de acesso a um conhecimento inter-relacionado, não-fragmentado. Essa troca do conhecimento por informação, em nível de universidade, levou ao aumento do volume de trabalho, à «performatividade», em detrimento do privilegiamento da lógica da descoberta.*

Baccega deixa bem claro que informação não é conhecimento:

*O processo de conhecimento prevê reelaboração do que está; inclui a condição de ser capaz de trazer à superfície o que é ainda virtual naquele domínio. Prevê ter claro que o virtual de um domínio nada mais é que o resultado da interdiscursividade de todos os domínios, possível naquela formação social; que os diversos fenômenos da vida social são concatenados em referência à sociedade como um todo. Para tanto, as informações fragmentadas não são suficientes.*

*A produção dessas informações transforma em verdadeiros espetáculos os acontecimentos selecionados para se tornarem fatos históricos. Por sua condição de «espetáculos», a informação traz a aparente sobrelevação do significante.*

## Sete por sete

*A causa da lusofonia foi lançada em São Luís do Maranhão e não em Lisboa, no final dos anos 80. Portanto, não se trata de uma iniciativa da metrópole em relação às suas antigas colônias visando restaurar essa ou aquela influência.*

MAURICE DRUON

O título da matéria no semanário *Expresso*, de Lisboa, edição de 20 de julho de 1996, *Sete por sete*, explica que *foram precisos sete anos para que os Sete se declarassem prontos a falar a uma só voz.*

A reportagem assinada por José Pedro Castanheira relata a construção da comunidade lusófona que começou por ser uma visão de caráter mais

<sup>19</sup> *Id., ib.*, p. 6D.

<sup>20</sup> *Id., ib.*, pp. 111-112.

ou menos utópico, a partir da década de 50, teorizada por intelectuais como Agostinho da Silva, Gilberto Freire e Joaquim Barradas de Carvalho. Era o sonho do que então se designava comunidade luso-afro-brasileira. O projeto seria retomado, após a independência das cinco colônias africanas, em moldes diferentes. O principal entusiasta e propagandista foi o embaixador brasileiro José Aparecido de Oliveira. A idéia ganhou alento especial na primeira cimeira de chefes de Estado dos Sete, realizada, em novembro de 1989, em São Luís do Maranhão, no Brasil. Sete anos depois, em 17 de julho de 1996, nascia a comunidade lingüística, a CPLP, dotada de sede, órgãos e orçamento.

Encontramos em Marques de Melo<sup>21</sup> a síntese histórica da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a partir de documentos da Embaixada do Brasil, em Lisboa, de 1994.

Sua origem remota, diz Marques de Melo, está na I Conferência de Cúpula de Estado e de Governo do Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, países de língua oficial portuguesa, realizada em São Luís do Maranhão, Brasil, em 1989. Seu artífice foi o então Ministro brasileiro de Cultura, José Aparecido de Oliveira, criador do Instituto Internacional de Língua Portuguesa.

Em janeiro de 1993, José Aparecido de Oliveira, no cargo de Embaixador do Brasil em Portugal, encaminhou a proposta de criação da CPLP ao Presidente brasileiro Itamar Franco. Este a endossa e a submete à consideração dos chefes de governo dos demais países de língua portuguesa. A iniciativa brasileira recebe a adesão unânime dos governantes daqueles países, bem como dos seus intelectuais, políticos e empresários, através de manifestações enfáticas que encorajam a criação da Comunidade.

Em fevereiro de 1994, aconteceu em Brasília a Primeira Reunião de Ministros das Relações Exteriores e dos Negócios Estrangeiros dos Países de Língua Portuguesa, com a finalidade de elaborar a declaração constitutiva da nova Comunidade e de preparar a II Conferência de Cúpula dos Chefes de Estado e de Governo, destinada a examinar as seguintes metas:

- a) instituição da Comunidade Comercial dos Sete, visando complementar as respectivas economias, que se encontravam em diferentes patamares de desenvolvimento, mas conformavam um mercado consumidor potencial da ordem de 200 milhões de pessoas;
- b) criação do Parlamento dos Países de Língua Portuguesa, com a finalidade de respaldar a democracia representativa no âmbito de cada país e, ao mesmo tempo, adotar mecanismos de consulta flexí-

---

<sup>21</sup> MARQUES DE MELO, José. *Uma comunidade cultural sem fronteiras físicas*, pp. 9-24.

veis e informais para atuação conjunta e defesa de interesses comuns nas principais organizações internacionais;

- c) implantação e fortalecimento de instituições culturais, científicas e educacionais comunitárias, vocacionadas para a preservação das identidades luso-afro-brasileiras, como a Universidade dos Sete, o Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa, o Instituto Internacional de Língua Portuguesa, o Instituto Camões e outros organismos destinados a formar recursos humanos, desenvolver pesquisas e estocar dados de interesse plurinacional.

A conjuntura política nos sete países, sobretudo em Angola, Brasil e Moçambique, não permitiu que se formalizasse a CPLP em 1994. Isso só veio a acontecer no dia 17 de julho de 1996, em Lisboa, quando os chefes de Estado dos sete países de língua portuguesa subscreveram a declaração constitutiva da CPLP. No documento constam as presidenciais assinaturas de Jorge Sampaio (Portugal), José Eduardo dos Santos (Angola), Fernando Henrique Cardoso (Brasil), Joaquim Chissano (Moçambique), Mascarenhas Monteiro (Cabo Verde) e Bernardino Vieira (Guiné-Bissau), mais a do Primeiro-Ministro de São Tomé e Príncipe, Armindo Vaz.

No artigo 3.º dos estatutos da CPLP, fica claro que os Sete pretendem uma comunidade assente em três pilares. Primeiro: concertação político-diplomática para defesa e promoção de interesses comuns ou de questões específicas. Segundo: cooperação e intercâmbio nos domínios econômico, social, cultural, jurídico e técnico-científico. Terceiro: promoção e defesa da língua portuguesa.

## A língua ameaçada

Mas há quem considere que o sétimo idioma mais falado no planeta está ameaçado de morte fora do Brasil e de Portugal. Gonçalves<sup>22</sup> considera que, além da globalização, a perda de influência da língua portuguesa decorre de fatores econômicos.

*Os poucos recursos de Portugal, o desinteresse brasileiro e a pressão do dólar e da libra fazem os demais países de expressão portuguesa pensarem duas vezes se vale a pena continuar falando a língua de Camões.*

Para o professor de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo, o desinteresse do Brasil e de Portugal *pode custar caro*. Explica que entre os cinco PALOPs – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa –

---

<sup>22</sup> GONÇALVES, Adolto. *Idioma português perde influência no mundo*. pp. 10-12.

Moçambique é o que parece mais atraído pela *sedução loura de olhos azuis*: a Comunidade Britânica.

*Não é só a Commonwealth que está de olho no carvão e nas demais riquezas moçambicanas. França, Holanda, Alemanha, Itália e Suécia já têm grande presença no país. Moçambique tem mais de 200 organizações não-governamentais e 80% de sua economia é resolvida na base de doações. Entre os doadores, nenhum brasileiro, nenhum português.*

Cercado por seis países que têm o inglês como língua preferencial de uma população de 92 milhões de habitantes, Moçambique tem apenas 17 milhões de habitantes, dos quais só 2 milhões falam o português. No território moçambicano, há mais de 40 línguas estruturadas e cerca de 200 dialetos, além do índice de analfabetismo ser superior a 55%, segundo Gonçalves.

Angola, diz o professor da USP, *às voltas com a guerra civil, enfrenta a ameaça francesa*. De fato, a presença francesa no país é grande, assim como a do castelhano (cubano) por força da presença de soldados enviados por Fidel Castro na época da guerra fria. Pelo mesmo motivo, também é significativa a presença do idioma russo.

Em Cabo Verde, a ameaça ao português vem do dialeto crioulo, embora não haja motivo para preocupação, segundo o escritor caboverdiano Germano d'Almeida. Além da coexistência pacífica entre o crioulo e o português, as terras do arquipélago não atraem investimentos de fora devido às secas, considera o escritor.

A derrota da língua portuguesa em relação à francesa, na Guiné-Bissau, é um fato quase consumado, na opinião de Gonçalves. Explica que o francês, para os guineenses, é uma língua de sobrevivência, a que faz negócios. Já, São Tomé e Príncipe aparece como o país mais tranquilo para a sobrevivência do português: não há línguas nativas que possam ressurgir com força no arquipélago, de pouca importância econômica, na visão do jornalista e doutor pela USP.

## Desenvolvimento

### Conhecer é preciso

*Mas, entanto que cegos e sedentos  
Andais de vosso sangue, ó gente insana,  
não faltarão Cristãos atrevimentos  
nesta pequena casa Lusitana:  
de África tem marítimos assentos;  
é na Ásia mais que tôdas soberana;  
na quarta parte noa os campos ara;  
e, se mais mundo houvera, lá chegara.*

LUÍS DE CAMÕES

Para investigar o conhecimento dos acadêmicos de Santos a respeito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, estruturamos um instrumento de sondagem (*vide* apêndice) composto de onze questões, sete abertas, três fechadas e uma mista.

Além do conhecimento específico sobre a Comunidade (questões 1 e 4), o instrumento permite verificar o que a amostra sabe a respeito de alguns dados da História (questões 5, 8, 9, 10), da Geografia (questão 7), bem como a imagem que tem dos países africanos e de Portugal (questões 2, 3, 6) e o interesse em ampliar seus conhecimentos sobre a CPLP (questão 11). A partir das respostas, estabelecemos categorias para a tabulação dos dados referentes às questões 2, 3, 6 e 8.

### Campos de investigação

Instituições	CURSOS											
	Letras	%	História	%	Pedagogia	%	Comun. Social	%	Direito	%	Total	%
UNISANTOS	40	66,67	20	80	30	28,85	60	60	50	55,56	200	50,125
UNISANTA	-	0	-	0	-	0	40	33,33	40	44,44	80	20,05
UNIMES	-	0	5	20	14	13,46	-	0	-	0	19	4,76
UNIMONTE	20	33,33	-	0	40	38,46	20	16,67	-	0	80	20,05
UNILUS	-	0	-	0	20	19,23	-	-	-	0	20	5,01
UNIP	-	0	-	0	-	0	-	-	-	0	0	0
TOTAL	60	100	25	100	104	100	120	100	90	100	399	100

A amostra pesquisada compreende 399 estudantes universitários de cinco cursos em cinco instituições de ensino superior de Santos. A UNIP, recentemente instalada na cidade de Santos, não oferece, ainda, as áreas em análise, segundo informação dos alunos-pesquisadores. A amostra referente aos estudantes de Direito ficou incompleta devido a dificuldades que tiveram os nossos alunos responsáveis na aplicação dos formulários nesse curso, em algumas instituições, conforme relatório das turmas. A UNIMES só oferece o último ano de História.



## Países de Língua Oficial Portuguesa

Países / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comunic. Social	Direito	Total
Brasil	57	22	90	110	77	356
Portugal	55	19	89	96	75	334
Angola	28	15	17	47	32	139
Moçambique	24	8	8	21	19	80
Cabo Verde	21	4	5	7	11	48
Guiné Bissau	9	2	2	5	11	29
São Tomé e Príncipe	8	1	1	1	4	15
<b>Outras Referências</b>						
Macau	4	8	1	21	-	34
Goa	2	1	-	-	1	4
Alguns Países da África	3	2	9	28	-	42
Índia	1	-	-	-	-	1
Colônia na África	1	-	-	-	-	1
Formoso	1	-	-	-	-	1
Países Asiáticos	1	-	-	-	-	1
Açores	1	2	-	-	-	3
África Portuguesa	1	-	-	-	-	1
Timor- Leste	3	4	1	6	-	14
Trinidad Tobago	1	-	-	-	-	1
Ilhas Canárias	1	1	-	-	-	2
Ilha da Madeira	1	-	1	-	-	2
Nova Guiné	-	1	-	1	-	2
África do Sul	-	1	-	1	1	3
China	-	1	-	-	1	2
Marrocos	-	1	1	1	1	4
Cantão	-	-	1	-	-	1
Uganda	-	-	1	-	-	1
Congo	-	-	1	1	-	2
Guiné	-	-	1	-	-	1
Camarões	-	-	-	1	-	1
Os Do "Fantástico"	-	-	-	1	-	1
Sem Resposta	-	1	1	-	-	2

Da amostra constituída de 399 alunos universitários, 89% indicaram o Brasil como país de Língua Oficial Portuguesa e 83% apontaram Portugal. Quanto aos PALOPs – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – os índices ficaram abaixo dos 40%: Angola 34%, Moçambique 20%, Cabo Verde 12%, Guiné-Bissau 7%, São Tomé e Príncipe 4%. Entre as outras referências, ou seja, onde o Português não é a língua oficial, as maiores indicações foram para *alguns países da África* (42), Macau (34) e Timor-Leste (14).

## Imagem dos países africanos

<b>Categorias / Cursos</b>	<b>Letras</b>	<b>História</b>	<b>Pedagogia</b>	<b>Comunic. Social</b>	<b>Direito</b>	<b>Total</b>
<b>Socioeconômica</b>						
Subdesenvolvimento	2	-	5	2	7	16
Exploração	-	-	2	-	-	2
Desigualdade	-	-	1	1	-	2
Dependência	-	-	-	1	-	2
Trabalho	-	-	1	-	-	1
Desenvolvimento	-	-	-	3	-	3
Terceiro Mundo	-	-	-	2	1	3
<b>Total</b>						<b>29</b>
<b>Sociocultural</b>						
Ritmo/Música	1	-	2	1	1	5
Cultura	2	2	-	1	3	8
Arte	1	-	-	-	-	1
Dança	-	-	3	-	-	3
Vestimentas	-	-	1	-	-	1
Comida	-	-	1	-	-	1
Safari	-	-	1	-	-	1
Capoeira	-	-	1	-	-	1
<b>Total</b>						<b>21</b>
<b>Política</b>						
Guerra	2	1	3	2	-	8
Domínio	1	-	-	-	-	1
Liberdade	1	-	1	-	-	2
Poder	-	-	1	-	-	1
Conflitos	-	-	-	1	-	1
Colônias	-	-	-	1	-	1
Appartheid	-	-	-	1	-	1
Mandela	-	-	-	2	1	3
<b>Total</b>						<b>18</b>
<b>Psicologia</b>						
Sufrimento	5	-	5	7	5	22
Alegria	1	-	1	4	-	6
Coragem	2	-	4	3	-	10
Tristeza	2	1	2	-	-	5
Bondade	1	-	-	-	-	1
Misticismo	1	-	-	-	1	2
Honestidade	-	-	1	-	-	1
Trabalhador	-	-	1	-	-	1
Humildade	-	-	1	1	-	2
Personalidade	-	-	1	-	-	1
Desespero	-	-	-	1	-	1
<b>Total Geral</b>						<b>52</b>
<b>Histórico/Geográfica</b>						
Seca	1	-	-	1	1	3
Natureza	1	-	-	-	-	1
Selva/Animais	1	-	2	1	1	5
Tórrido	-	1	-	1	-	2
Coimbra	-	-	2	-	-	2

Categorias / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comunic. Social	Direito	Total
Cidade do Porto	-	-	2	-	-	2
Savana	-	-	-	1	-	1
Campos	-	-	-	-	1	1
Fauna	-	-	-	-	1	-
<b>Total Geral</b>						<b>18</b>
<b>Estereótipo</b>						
Atraso	4	4	-	-	-	8
Miséria	4	3	5	15	13	40
Pobreza	14	1	13	24	24	76
Fome	3	-	9	7	3	22
Destruição	-	1	-	-	-	1
Escravos/Escravidão	-	-	3	-	1	4
Primitivos	-	-	1	1	-	2
Racismo/Raça	2	-	1	-	1	4
Desunião	-	1	-	-	1	2
Desigualdade	-	-	1	-	-	1
Injustiça	-	-	1	-	-	1
Tribo	-	-	1	2	1	4
Vítimas	-	-	-	1	-	1
Preconceito	1	-	1	-	-	2
Tambor	1	-	-	1	-	2
Costumes	1	-	-	-	-	1
Colorido	1	1	1	-	-	2
Negros	1	1	12	18	5	37
Folclore	-	1	-	2	-	3
Solidários	-	1	-	-	-	1
Exóticos	-	1	1	2	1	5
Umbanda/Candomblé	-	1	1	1	-	3
Excêntricos	-	1	-	-	-	1
Afiro	-	-	2	-	-	2
Trança de Cabelo	-	-	1	-	-	1
Espiritualidade	-	-	-	1	-	1
Selvagem	-	-	-	2	1	3
Etnia	-	-	-	1	-	1
<b>Total</b>						<b>231</b>

Das categorias estabelecidas a partir das respostas à questão formulada, os estereótipos marcam a imagem que os acadêmicos têm dos países africanos: 231 indicações. Em seguida, vêm as categorias psicológica (52), socioeconômica (29), sociocultural (21), política (18) e histórico-geográfica (18).

Os estereótipos mais citados – pobreza (76), miséria (40), negros (37), fome (22) – representam a visão negativa da África, o que acontece nas demais categorias: psicológica (sofrimento, 22 referências), socioeconômica (subdesenvolvimento, 16 referências), política ( guerra, 8 referências), histórico-geográfica ( selva/animais, 5 referências). Assim sendo, a maior indicação para a categoria sociocultural – cultura, com 8 referências – reflete essa visão negativa.

## Referência sobre Portugal

<b>Categorias / Cursos</b>	<b>Letras</b>	<b>História</b>	<b>Pedagogia</b>	<b>Comunic. Social</b>	<b>Direito</b>	<b>Total</b>
<b>Socioeconómica</b>						
Peixe	1	-	-	-	-	1
Vinho	2	1	6	21	4	34
Vinho do Porto	1	-	-	-	12	13
Primeiro mundo/desenvolvido	1	-	-	3	3	7
Oliveira/Azeite/Azeitona	1	-	2	5	4	12
Subdesenvolvido	1	-	-	1	1	3
Bacalhau	3	1	9	25	23	61
Amêndoa	-	-	1	-	-	1
Batata	-	-	1	-	-	1
Uva	-	-	1	1	-	2
Comércio	-	-	-	1	-	1
Bagaceira	-	-	-	-	1	1
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>20</b>	<b>57</b>	<b>48</b>	<b>137</b>
<b>Sociocultural</b>						
Arte (cerâmica bordado)	3	2	1	2	1	9
Literatura	3	1	-	3	4	11
Comida/Culinária	3	4	17	8	7	39
Dança	1	1	10	3	5	20
Tradição/Franca	1	-	-	5	1	7
Cultura	1	1	4	6	9	21
Música/Fado	3	1	5	22	11	42
Galo de Barcelos	-	-	-	3	-	3
Tradição	1	-	-	-	-	1
Religião/Religiosidade	4	2	3	-	3	12
Canções	3	4	-	3	2	12
RTP – Internacional	1	-	-	1	-	2
Língua	2	4	1	5	8	20
Os Lusíadas	1	-	-	-	4	5
Florbela Espanca	1	-	-	-	-	1
Mário de Sá Carneiro	1	-	-	-	-	1
Fernando Pessoa	2	1	-	3	1	7
Saramago	1	1	-	2	1	5
Cesário Verde	1	-	-	-	-	1
Eça de Queirós	1	-	-	1	-	2
Madreus	1	-	-	-	-	1
Roberto Leal	1	-	1	5	-	7
Gil Vicente	-	1	-	-	-	1
S. L. Benfica	1	-	-	6	1	8
Nossa Senhora de Fátima	1	-	-	1	-	2
Arquitetura	1	-	1	2	1	5
Universidades	1	4	-	2	7	14
Entretenimento	1	-	-	-	-	1
Futebol Clube do Porto	-	1	-	1	1	3
Trajes	-	1	3	1	-	5
Folclore	-	2	-	7	-	9
Turismo	-	-	1	-	-	1
<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>278</b>

<b>Categorias / Cursos</b>	<b>Letras</b>	<b>História</b>	<b>Pedagogia</b>	<b>Comunic. Social</b>	<b>Direito</b>	<b>Total</b>
<b>Política</b>						
Centralização do poder	1	-	-	-	-	1
Sistema Político	-	-	-	1	-	1
Membro da Comunidade Europeia	-	-	-	-	2	2
<b>Total</b>						<b>4</b>
<b>Histórico Geográfica</b>						
Cidade de Fátima	1	-	-	1	-	2
Navegação/Caravelas/ Naus	3	2	2	3	9	19
Descobrimento/ Descoberta	2	-	2	6	3	13
Cidade do Porto	3	3	7	8	2	23
País Pequeno	1	-	-	-	-	1
Praias	1	-	1	1	-	3
Frio/Inverno/Neve	1	-	3	-	-	4
Igrejas	1	-	-	-	-	1
Lisboa	2	4	7	6	5	24
Cabelos	1	-	1	1	-	3
Mar	1	-	-	-	-	1
D. João VI	1	-	1	-	-	2
Túmulo de Inês de Castro	-	1	-	-	-	1
D. Pedro I	-	-	1	1	-	2
Família Real no Brasil	-	-	1	-	-	1
Imigração	-	-	1	1	-	2
Belém (Torre/Palácio)	-	1	-	3	1	5
Trás-os-Montes	-	2	3	1	1	7
Dinastia de Avis- Bragança	-	1	-	-	-	-
Rio Douro	-	1	-	-	-	1
País Europeu	1	-	2	6	4	13
Rio Minho	-	1	-	-	-	1
Ilha da Madeira	1	-	2	4	1	8
Coimbra	1	-	6	-	-	7
Colonização	-	1	-	-	-	1
Pero Vaz de Caminha	1	-	1	-	2	4
História	1	-	2	4	2	9
Expedições	1	-	-	-	-	1
Paisagem/Colunas/Ruas	1	-	2	-	-	3
Mar Mediterrâneo	1	-	-	-	-	1
Península Ibérica	1	-	-	-	1	2
Oceano Atlântico	1	-	-	-	-	1
Rio Tejo	1	3	1	-	-	5
Região do Minho	-	1	-	-	-	1
Escola de Sagres	-	1	-	1	1	3
Monumentos	-	1	-	-	-	1
Cidade de Évora	-	1	-	-	-	1
Madri	-	-	2	-	-	2
Cabo Verde	-	-	2	-	-	2
Verde Gaio	-	-	1	-	-	1

<b>Categorias / Cursos</b>	<b>Letras</b>	<b>História</b>	<b>Pedagogia</b>	<b>Comunic. Social</b>	<b>Direito</b>	<b>Total</b>
Pedro Álvares Cabral	-	-	2	5	1	8
Monarquia / Império	-	-	1	1	2	4
Colonização	-	-	-	7	2	9
Revolução dos Cravos	-	-	-	1	-	1
Vasco da Gama	-	-	-	1	-	1
Farol	-	-	-	1	-	1
<b>Total</b>						<b>207</b>
<b>Estereótipo</b>						
Padeiros	2	-	-	3	4	9
Pobreza	1	-	-	-	-	1
Piada	4	-	-	5	6	15
Manuel	1	-	-	1	-	2
Bigode	1	-	-	2	2	5
Tamanco	1	-	-	-	-	1
Aldeia	-	-	2	-	1	3
Explorador / colonizador	2	-	3	12	7	24
Pão duro	-	-	1	-	-	1
Conservador	-	-	-	3	4	7
Alfabetizado	-	-	-	2	-	2
Culto	-	-	-	1	-	1
Beleza	-	-	-	2	2	4
Mal educado	-	-	-	1	-	1
Imigrantes	-	-	-	1	-	1
Açogueiro	-	-	-	1	-	1
Egoísta	-	-	-	1	-	1
Burrões	-	-	-	-	2	2
Arrogante	-	-	-	-	1	1
Branco	-	-	-	-	1	1
País atrasado	-	1	-	-	2	3
Povo preconceituoso	1	1	-	1	1	4
País isolado	-	1	-	-	-	1
Comerciantes	2	-	-	-	1	3
Racismo	1	-	-	1	-	2
Mulheres	1	-	-	-	-	1
Machismo	1	-	-	-	-	1
Oportunista	-	-	-	-	1	1
<b>Total</b>						<b>99</b>

Da mesma forma que a questão anterior, as referências sobre Portugal foram categorizadas a partir das respostas dos universitários. Das cinco categorias estabelecidas, a sociocultural e histórico-geográfica receberam o maior número de referências: 278 e 207, respectivamente. Na primeira, destaque para música/fado (42), culinária (39) e dança (20). Na segunda, as maiores lembranças foram para as cidades de Lisboa (24) e Porto (23), seguidas de navegação/caravelas/naus (19). Na categoria socioeconômica, com 137 referências, bacalhau (61) e vinho (47, sendo 13 para vinho do Porto) foram os mais citados, seguidos da oliveira/azeite/azeitona (12).

Quanto aos estereótipos, 99 referências, a visão predominante dos estudantes universitários é a de Portugal como país explorador/colonizador (24), marcado pela piada (15). Na categoria política, com apenas três referências, o destaque para a atualidade: duas menções feitas por alunos de Direito ao país como membro da Comunidade Européia.

### Países membros da Comunidade de Língua

Países / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comunic. Social	Direito	Total
Brasil	41	8	2	48	45	144
Portugal	38	4	4	42	45	133
Angola	18	6	1	14	20	59
Moçambique	15	5	1	11	16	48
Cabo Verde	14	2	3	4	5	28
São Tomé e Príncipe	5	-	1	1	3	10
Guiné - Bissau	8	1	-	3	8	20
<b>Total</b>	-	-	-	-	-	<b>442</b>
<b>Outras referências</b>						
Macao	9	3	2	3	8	25
Países Africanos	6	-	-	7	2	15
Ex-Colônias	1	-	-	-	-	1
Goa	3	1	-	-	4	8
Trinidad Tobago	1	-	-	-	1	2
Timor Leste	2	1	-	-	4	7
Ilhas Canárias	2	1	-	-	-	3
Ilha da Madeira	2	-	1	-	-	3
Nova Guiné	2	1	-	-	-	3
Açores		1	-	-	-	1
Espanha		1	1	-	1	3
Gana		1	-	-	-	1
Países América do Sul		-	2	-	-	2
Guiné		-	1	-	-	1
E.U.A		-	1	-	-	1
Uruguai		-	-	1	1	2
Congo		-	-	1	-	1
Luanda		-	-	1	-	1
Argentina		-	-	-	1	1
França		-	-	-	1	1
Guiana Francesa		-	-	-	1	1
Sem Resposta	14	11	6	69	36	136

O Brasil foi o país mais citado como membro da Comunidade de Língua Portuguesa (144), seguido de Portugal (133). Entre os africanos, São Tomé e Príncipe recebeu o menor número de referências (10), não sendo mencionado na amostra do curso de História. Guiné-Bissau, com 20 citações, não apareceu no curso de Pedagogia.

Dos universitários amostrados, somente 36% responderam que o Brasil faz parte da CPLP. Nos cursos analisados, essa posição é a seguinte: 68% em Letras, 32% em História, 2% em Pedagogia, 40% em Comunicação Social e 50% em Direito. Quanto a Portugal, a situação é a seguinte: 63% em Letras, 35% em Comunicação Social, 16% em História, 4% em Pedagogia e 50% em Direito.

Registramos 83 referências a outras partes do mundo que os estudantes consideraram como membros da Comunidade, sendo Macau e países africanos os mais referidos, 25% e 15%, respectivamente. Ainda há que considerar 136 referências para a opção sem resposta.

### Representação de Portugal para o Brasil

Categorias / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comunic. Social	Direito	Total
Colonizador	46	20	83	97	82	328
Colonizado	2	1	8	1	1	13
Aliado de Guerra	-	-	-	1	-	1
<b>Total</b>	-	-	-	-	-	<b>342</b>
<b>Outras referências</b>	-	-	-	-	-	-
Invasor	2	1	1	2	-	6
Explorador	6	3	6	16	6	37
Fonte de Cultura	1	-	-	-	-	1
Patrão/Posse	1	-	1	-	-	2
Ladrão	1	-	1	-	-	2
Nenhuma Representação	1	-	-	1	-	2
Parceiro	-	-	1	-	-	1
Dependência Política	-	-	1	-	-	1
Escravidor	-	-	-	1	-	1
Descobridor	-	-	-	1	-	1
Sem Resposta	-	-	-	-	1	1
<b>Total</b>						<b>55</b>

Das quatro alternativas de resposta para essa questão, a maioria dos estudantes ficou com colonizador (328). Das 13 referências para colonizado, Pedagogia apresentou a maior indicação (8) e em Comunicação Social apareceu uma referência para aliado de guerra. Das 55 referências a outras alternativas, explorador com 37 supera as demais.



## Características da cultura africana

Categoria: manifestações da cultura						
Categories / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comunic. Social	Direito	Total
<b>Música/Dança</b>						
Capoeira	1	1	6	15	8	31
Dança	2	8	21	29	20	80
Ritmo	2	6	15	27	16	66
Tambor	-	-	1	-	-	1
Atabaque	-	-	1	-	-	1
Samba	-	-	-	-	1	1
<b>Total</b>						<b>180</b>
<b>Arte</b>						
Vestimenta	1	2	13	8	6	30
Artesanato	2	1	6	3	1	13
Folclore	1	1	1	1	2	6
Artes	1					1
Pintura Corporal	1					1
Pintura				1	1	2
<b>Total</b>						<b>53</b>
<b>Religião</b>						
Ritual	2	-	-	3	-	5
Religião	2	11	11	9	22	55
Macumba	1	-	-	-	2	3
Espiritualidade	1	-	-	-	-	1
Umbanda	2	-	1	-	-	3
Candomblé	2	-	8	12	6	28
Deuses Africanos	1	-	-	-	-	1
Cultos	1	-	-	-	-	1
Politeísmo	-	-	1	-	-	1
<b>Total</b>						<b>98</b>
<b>Alimentação</b>						
Acarajé	1	-	-	-	-	1
Feijoada	1	-	5	1	-	7
Comida	2	2	18	14	6	42
Tempero	-	-	1		-	1
Azeite de Dendê	-	-	-	1	-	1
<b>Total</b>						<b>52</b>
<b>Língua</b>						
Língua	1	1	1	3	1	7
Dialeto	-	-	2	-	1	3
Variedade Linguística	-	-	-	2	-	2
<b>Total</b>						<b>12</b>
<b>Esporte</b>						
Maratona	-	-	2	-	-	2
Esporte	-	-	1	-	-	1
Atletas	-	-	-	1	-	1
Futebol	-	-	-	-	1	1
<b>Total</b>						<b>5</b>

Categoria: juízo de valores						
1. Positiva / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comunic. Social	Direito	Total
Pacífica	1	1	-	-	-	2
Sábia	1	1	-	-	-	2
Sociedade em desenvolvimento	1	-	-	1	-	2
Forte	2	1	3	1	-	7
Naturalidade	1	-	-	-	-	1
Determinada	1	1	2	1	-	5
Atraente	1	-	-	-	-	1
Diversidade	-	1	-	1	-	2
Guerreira/Lutadora	-	3	-	1	-	4
Rica	-	1	3	1	3	8
Consciente da Etnia	2	3	4	2	2	13
Tradicional	-	-	1	2	-	3
Original	-	1	1	1	2	5
Organizada/Tribo	2	1	2	6	4	15
Miscigenação	-	-	1	-	-	1
Religiosa/mística	3	2	2	5	6	18
Alegre	-	-	2	8	1	11
Simple	-	-	1	-	-	1
Unida	-	-	1	1	-	2
Emotiva	-	-	1	-	-	1
Sensível	-	-	-	1	-	1
Ancestral	1	-	-	2	-	3
<b>Total</b>						<b>108</b>
2. Negativa / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comunic. Social	Direito	Total
Subjugada/Oprimida	2	1	8	14		25
Primitiva	1			5	4	10
Subdesenvolvida	1		6	12	4	23
Desigual	1					1
Sofrida	2	1	2			5
Revoltada	2					2
Preconceituosa	1					1
Intrigante	1					1
Selvagem		2	1	4	3	10
Conservadora			1			1
Conflituosa			5		2	7
Matriarcal			1			1
<b>Total</b>						<b>87</b>

Na categoria manifestações da cultura, registramos o maior número de referências para a sub-categoria música/dança (180); seguem-se religião (98), arte (53), alimentação (52), língua (12) e esporte (5).

Na categoria juízo de valores, os aspectos positivos com maior referência são as características religiosa/mística (18), organização tribal (15) e consciência da etnia (13). Quanto aos negativos, observamos o destaque dado às características de cultura subjulgada/oprimida (25), subdesenvolvida (23), primitiva e selvagem (10, respectivamente).

### Localização geográfica dos países da CPLP

1 - Angola						
Localização Geográfica / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comum. Social	Direito	Total
África	53	22	92	108	84	359
Ásia	1	1	-	-	-	2
Europa	1	-	-	1	1	3
Portugal	-	-	-	2	1	3
América	-	-	-	1	1	2
Sem Resposta	5	3	11	9	3	31
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>
2 - Brasil						
América	56	23	92	110	85	366
Europa	-	-	-	-	2	2
Mercosul	-	-	-	-	1	1
Sem Resposta	4	2	12	10	2	30
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>
3 - Cabo Verde						
África	42	16	28	58	50	194
Europa	8	4	17	11	12	52
América	2	1	4	9	1	17
Portugal	-	-	2	1	5	8
Ásia	-	-	2	1	-	3
Sem Resposta	8	4	51	40	22	125
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>
4 - Guiné - Bissau						
África	39	18	43	70	59	229
Europa	1	1	-	3	-	5
América	4	2	2	9	3	20
Ásia	2	-	2	1	5	10
Austrália	1	-	-	-	-	1
África do Sul	-	-	1	-	-	1
Oceania	-	-	1	4	2	7
Índia	-	-	-	-	2	2
Portugal	-	-	-	-	1	1
Sem Resposta	13	4	55	33	18	123
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>

<b>5 - Moçambique</b>						
<b>Localização Geográfica / Cursos</b>	<b>Letras</b>	<b>História</b>	<b>Pedagogia</b>	<b>Comum. Social</b>	<b>Direito</b>	<b>Total</b>
África	52	21	59	98	78	308
Ásia	1	-	2	-	-	3
Europa	2	1	2	1	-	6
Portugal	-	-	-	-	2	2
América	-	-	-	1	-	1
Sem Resposta	5	3	41	20	10	79
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>
<b>6 - Portugal</b>						
Europa	57	24	78	104	85	348
América	-	-	4	2	-	6
África	-	-	2	1	-	3
Sem Resposta	3	1	20	13	5	42
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>
<b>7 - São Tomé e Príncipe</b>						
África	30	6	20	31	26	113
Europa	6	-	5	5	6	22
Caribe	1	-	-	1	-	2
Ásia	-	-	1	4	1	6
Oceania	-	-	1	1	-	2
Guiana	-	-	-	1	-	1
Índia	-	-	-	-	3	3
Minas Gerais	-	-	-	-	1	1
Portugal	-	-	-	-	1	1
Sem Resposta	20	10	71	61	30	192
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>

São Tomé e Príncipe foi o país mais desvinculado da geografia acadêmica, segundo a visão dos universitários amostrados. O desconhecimento começa pelo número de alunos que não deu resposta à posição geográfica da ex-colônia portuguesa. 192, que representa 48% da amostra. Os que responderam situaram-na em todos os continentes, sendo que 28% indicaram o africano. Além de países como Portugal e Índia, o arquipélago apareceu localizado no estado brasileiro de Minas Gerais, conforme uma resposta no curso de Direito.

Cabo Verde também não faz parte dos conhecimentos geográficos de grande parte da amostra universitária, pois 125 alunos (31%) não conseguiram localizá-lo. Contudo, 48% consideraram que o país fica no continente africano, embora haja indicação de que esteja na Europa (13%), América (4%) e Portugal (2%).

Quanto aos outros cinco da CPLP, mais da metade dos universitários localizou devidamente o continente em que estão localizados. O percentual mais baixo de acerto ficou com a Guiné-Bissau, 57% dos alunos aponta-

## Relação entre a História do Brasil e a de Portugal

<b>Categorias / Cursos</b>	<b>Letras</b>	<b>História</b>	<b>Pedagogia</b>	<b>Comun. Social</b>	<b>Direito</b>	<b>Total</b>
<b>Econômica</b>						
Colonização	5	7	24	31	29	96
Dependência econômica	1	-	2	-	2	5
Ambição	1	-	-	-	-	1
Exploração	3	1	3	8	8	23
Comércio	1	-	1	-	1	3
Conquista Territorial	1	-	-	-	-	1
Corrupção	1	-	-	-	-	1
Apropriação	1	-	-	-	-	1
Dívida c/a Inglaterra	-	1	-	-	1	2
Escravidão	-	-	1	-	-	1
Imigração Portug.	-	-	1	-	-	1
Mineração Portug.	-	-	-	1	-	1
Ciclo cana de açúcar	-	-	-	-	1	1
Ciclo do Ouro	-	-	-	-	1	1
<b>Total</b>						<b>138</b>
<b>Política</b>						
Descobrimento	3	2	24	24	10	63
Napoleão Bonaparte	1	-	-	-	-	1
Pedro Alvares Cabral	1	1	1	-	-	3
Independência	1	-	2	2	1	6
Família Real no Brasil	2	2	-	7	4	15
Monarquia/Reinado	1	-	-	5	2	8
Invasão	1	-	-	-	-	1
D. Pedro II	-	1	-	-	-	1
Império	-	1	-	-	3	4
Paternalismo	-	1	-	-	-	1
Sebastianismo	-	1	-	-	-	1
D. João VI	-	2	3	-	-	5
Dominação	-	-	1	-	-	1
Príncipe Regente	-	-	1	-	-	1
Metrópole	-	-	-	1	-	1
Cruzadas	-	-	-	1	-	1
D. Pedro I	-	-	-	1	-	1
Navegação	-	-	-	1	-	1
Ditadura	-	-	-	2	-	2
Organização Política	-	-	-	-	2	2
República	-	-	-	-	1	1
<b>Total</b>						<b>105</b>
<b>Cultural</b>						
Língua/idioma	2	1	11	7	3	24
Costumes	1	-	1	-	-	2
Religião/Jesuítas	1	-	1	-	2	4
Cultura	1	-	2	3	1	7
Miscigenação	1	-	1	-	-	2
Interação	-	-	1	-	-	1
Influência Cultural	-	-	1	-	2	3
Dependência Cultural	-	-	-	2	-	2
Carta de Pêro Vaz de Caminha	-	-	-	1	-	1
<b>Total</b>						<b>46</b>

ram-no em África, mas 34% não deram resposta. Aos demais, os percentuais de respostas corretas foram os seguintes: 90% para Angola e 77% para Moçambique, na África; 92% para o Brasil, na América; 87% para Portugal na Europa. Entre os que «navegaram» na geografia, localizaram o Brasil na Europa e no Mercosul (alunos de Direito), Portugal na América e na África (alunos de Pedagogia e Comunicação Social).

A maioria das respostas indica que o entendimento a essa questão foi a relação da História do Brasil com Portugal e não com a História de Portugal, conforme o enunciado. Considerando-se o que foi respondido, estabelecemos três categorias de análise: econômica (138 referências), política (105 referências) e cultural (46 referências). Não deram resposta 110 alunos.

Na primeira categoria, 69% das respostas indicaram a colonização como a relação mais importante da nossa História com Portugal; na segunda, 60% o descobrimento e na terceira 52% a língua.

#### Data de fundação da nação brasileira

Data / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comum. Social	Direito	Total
22 de Abril	34	15	65	66	46	226
7 de Setembro	17	7	18	33	19	94
21 de Abril	1	1	9	7	14	32
15 de Novembro	6	1	7	13	9	36
Não Sabe	2	1	5	1	2	11
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>

Considerando-se os percentuais para as respostas nas quatro alternativas à pergunta, observamos que não está bem claro aos nossos universitários o que seja nação, ou não entenderam o sentido de fundação da nação brasileira. A maioria, 57%, apontou 22 de abril, data em que se comemora o Descobrimento do Brasil. Para o 7 de setembro, Independência do Brasil, optaram 23% da amostra. As demais datas receberam os seguintes percentuais: 8% para 21 de abril, morte de Tiradentes, 9% para 15 de novembro, Proclamação da República. Não deram resposta 3% dos universitários amostrados.

Dos cinco cursos em análise, Pedagogia e História apresentaram os maiores percentuais de respostas para o 22 de abril: 63% e 60%, respectivamente. Letras, Comunicação Social e Direito ficaram pouco mais abaixo: 57%, 55% e 51%, respectivamente.

## Relação das comemorações dos 500 Anos do Brasil

Relação Comem. / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comum. Social	Direito	Total
Independência	2	-	2	1	-	5
Descobrimento	57	25	101	117	90	390
República	-	-	-	-	-	-
Não Sabe	1	-	1	1	-	3
Outro - invasão oficial	-	-	-	1	-	1
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>

Ao contrário das respostas à questão anterior, nessa a amostra foi quase unânime, 98%, em relacionar as comemorações dos 500 Anos do Brasil ao Descobrimento. Os 2% restantes ficaram entre a Independência e falta de conhecimento. Nenhum respondente relacionou as comemorações à República.

### Adesão ao Núcleo de Estudos sobre a CPLP

Adesão / Cursos	Letras	História	Pedagogia	Comum. Social	Direito	Total
Sim	30	17	50	56	47	200
Não	30	8	54	64	43	199
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>25</b>	<b>104</b>	<b>120</b>	<b>90</b>	<b>399</b>

A proposta de se fundar um Núcleo de Estudo sobre a Comunidade de Países de Língua Portuguesa dividiu a amostra dos universitários de Santos. Metade mostrou-se interessada em participar do Núcleo, inclusive fornecendo endereço para contato posterior. A outra metade deu resposta negativa, inclusive muitos alunos tiveram a gentileza de justificar a não adesão, alegando falta de tempo.

### Para sair do «conflito»

A oito meses da comemoração dos cinco séculos do Descobrimento (?) do Brasil pelo fidalgo português Pedro Alvares Cabral, os estudantes universitários de Santos pouco sabem a respeito da realidade portuguesa e dos

países africanos que falam a nossa língua. A relação que estabelecem imediatamente com Portugal diz respeito ao que «aprenderam» nos livros didáticos do ensino fundamental e médio. Dos outros países pertencentes à comunidade de língua, sabem apenas o que veicula a mídia, que só dá espaço aos africanos quando por lá acontecem desgraças. Daí a dificuldade, neste momento, de se aproveitar as «comemorações» para questionar a história oficial, revendo conceitos, figuras e datas «decoradas» nos bancos escolares.

De acordo com a parte descritiva deste trabalho, consideramos que a problemática investigada está no conhecimento, e ele começa na língua materna, que não é trabalhada pela escola e não permite ao aluno tomá-la como *fonte de competência social, linguística e ideológica*, de que nos fala Martín-Barbero<sup>23</sup>, assumindo-se como sujeito, leitor e produtor de textos.

Essa deficiência na formação escolar ficou evidente na compreensão à questão oito, quando deixamos subentendida a palavra História. O mesmo aconteceu com a primeira pergunta do instrumento de sondagem, pois nem todos os estudantes amostrados souberam indicar Brasil e Portugal como países de Língua Oficial Portuguesa. Talvez não tenham percebido o sentido da palavra oficial, ou estabelecem comunicação em outra linguagem, *num sistema binário que exclui os meios-tons, sem a arte das nuances*, conforme a crítica velada de Druon<sup>24</sup> à informática.

A língua, *como lugar de conflito*, transpareceu na resposta à questão nove. Aqui o conflito com as palavras *fundação* e *nação* não tem o sentido trabalhado por Baccega<sup>25</sup>, mas traduz o embate que o estudante trava com o conhecimento em diferentes áreas. Talvez ele já tenha escutado essas palavras, na mídia eletrônica e em sala de aula; tenha decodificado os sinais gráficos, na mídia impressa e nos livros, mas não consegue estabelecer relações, não constrói sentido, não lê, na verdadeira acepção de leitura.

Não sendo proficiente em leitura, os dados das informações que entram em avalanche no cotidiano do estudante impedem-no de atingir o conhecimento. O aluno, não leitor mas decodificador, trabalha com estereótipos, imagens distorcidas de sentido sobre a realidade. Portugal, no final do século XXI, representa-lhe descobrimento, colonização, explorador, bacalhau e piada. Dos países africanos, a imagem é representada pela desgraça veiculada na mídia: pobreza, guerra, sofrimento, negritude, selva. O folclore, como manifestação da cultura africana, é empregado pejorativamente.

---

<sup>23</sup> *Id.*, *ib.*

<sup>24</sup> *Id.*, *ib.*, p. 6D.

<sup>25</sup> *Id.*, *ib.*, p. 48.



A mídia, em especial a televisão, exerce papel paralelo ao da escola na formação dos estudantes brasileiros. Segundo Milanesi<sup>26</sup>, no Brasil queimou-se uma etapa, a da cultura letrada. *Passa-se de uma cultura oral, pode ser dito, para uma cultura onde prevalece a imagem (...) e as possibilidades de retorno são mínimas.*

Até o Presidente brasileiro reconhece o peso dos meios de comunicação social na opinião brasileira. Para ele, *quando se fazem pesquisas, a opinião manifestada reflete o que está na mídia naqueles dias.* Mas essa influência não acontece só aqui. Para o professor de História Arlindo Caldeira, autor de manuais escolares portugueses, *a imagem do Brasil em Portugal não vem da escola, vem da TV.*

Justifica-se, assim, uma das respostas em nosso instrumento de sondagem: «os do Fantástico» como países de língua oficial portuguesa (questão um). Contudo, quem fez essa observação, referindo-se à série *Aqui se fala o português*, não atentou para os lugares onde foram gravados os programas da série. Além dos PALOPs – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa –, apareceram também as possessões que os portugueses tiveram no mundo. Como a produção não contextualizou devidamente o «Aqui», lugares onde «se fala o português», o programa foi mais uma louvação folclórica. Talvez, esteja aí a explicação para o número significativo de referências a Macau, que passará para a China, em dezembro próximo, e Timor-Leste em guerra para consolidar a sua independência da Indonésia.

A mídia, como difusora dos fatos, tanto se presta à informação como à desinformação. Longe está ainda de cumprir o seu papel na sociedade: a qualidade da comunicação para o conhecimento. Em julho de 1996, quando da oficialização da CPLP, a imprensa brasileira esteve mais preocupada em polemizar a declaração de Fernando Henrique Cardoso de que o brasileiro é caipira, do que informar com profundidade a oficialização do espaço de língua comum entre os sete países.

Manchetes e títulos do jornal *Folha de S. Paulo*, de circulação nacional, revelam o tratamento dispensado ao assunto: *FHC formaliza em Lisboa novo bloco* (14/7/96), *Brasil destina US\$ 4 milhões para a África, FHC dá apoio a Timor Leste* (18/7/96), *FHC vive dia de brasileiro caipira na viagem a Lisboa* (18/7/96).

Da mesma forma, a revista *Veja*, semanário de expressão nacional, sem trabalhar devidamente a oficialização da Comunidade, trata em artigo assinado a questão do provincianismo brasileiro, segundo declaração de FHC, em Lisboa. Na edição de 24/7/96, somente uma matéria assinada serve de fonte para quem quiser pesquisar o assunto na revista. A coluna *Idéias*

---

<sup>26</sup> MILANESI, Luiz Augusto. *O paraíso via Embratel*. p. 101.

estampa o título *Jecocentrismo globalizado*, destacando no olho que FHC, esquecido de uma cultura riquíssima, usa o tom pejorativo para chamar o brasileiro de caipira.

O articulista Mario Sabino, comentando o desabafo do presidente brasileiro, em entrevista ao *Diário de Notícias*, de Lisboa (edição de 13/7/96), considera que *não há dúvida de que Fernando Henrique usou o termo «caipira» com conotação depreciativa, como quem dissesse que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que foi inaugurada em Lisboa, é uma invenção caipira do caipiríssimo José Aparecido de Oliveira, por sua vez cupincha do caipirésimo Itamar Franco*. Passa, então, a explicar os outros sentidos para essa palavra, deixando a Comunidade como pano de fundo ao brilho do Presidente, como se ele sozinho tenha «inaugurado» a CPLP.

### **Considerações finais**

Apesar dos contratempos enfrentados por uma das cinco turmas do 2.º ano do curso de Comunicação Social, o exercício na disciplina Comunicação Comparada resultou em experiência positiva para alunos e professora. Sair da sala de aula para investigar uma problemática em que estão envolvidos, conviver com estudantes de outras instituições e cursos, frequentar espaços que alguns desconheciam, receber tratamento digno de universitários em atividade de pesquisa, ou serem menosprezados e até mesmo barrados na aplicação dos formulários, tudo isso foi entendido e aproveitado na avaliação.

Mesmo com a orientação do MEC para o desenvolvimento de pesquisa na graduação, ainda há «resistências» quando a aula não transcorre na sala entre quatro paredes. Ousar a entrada no espaço de outras instituições de ensino para ouvir os colegas, questionando realidades que também desconhecem, descobrindo que pouco sabem de História, de Geografia, de si próprios, muito menos de outros povos que ajudaram a forjar a nossa nação. Esses foram os primeiros obstáculos – superados em parte – e as primeiras conquistas que devem ser incorporadas no Projeto Pedagógico dos cursos de Graduação.

Durante quatro anos, na maioria dos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior, os universitários convivem diariamente e muitas vezes não se conhecem, não se falam. Trabalhar em grupo é um desafio. Quando não se formam «panelas», onde alguns trabalham e todos têm a mesma nota, há sempre o pedido para «fazer o trabalho sozinho». A estratégia para quebrar essa barreira talvez esteja na motivação em aliar os conteúdos das disciplinas com a chamada «prática». Os objetivos da atividade, sua justificativa, o problema e as hipóteses a serem investigados, a metodologia para o desenvolvimento do trabalho, a execução das etapas, o cumprimento do cronograma, tudo isso deve ficar bem claro e, se possível,

deve ser estruturado em conjunto, entre alunos e professor. É bem provável que aí esteja o ponto de partida para desmistificar a pesquisa na graduação.

As descobertas dos alunos envolvidos no presente trabalho levam-nos a considerar que alcançamos os objetivos propostos. Se não conhecem a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, nada melhor do que aproveitar a onda «Comemorações dos 500 Anos» para desencadear estudo sobre o assunto.

No campo da Sociologia, «descobrimos» o sentido da descoberta que nos leva a novas reflexões. Boaventura de Sousa Santos, tecendo considerações sobre «*Sífilis, descobrimentos e comemorações*» (*Folha de S. Paulo*, 28/9/99, pp. 1-3), considera a concepção moderna da descoberta como designação da diferença e da diferença como designação de distância e de hierarquia.

Para o sociólogo da Universidade de Coimbra (Portugal), *designar significa distanciar e subordinar – em graus variáveis, segundo a reciprocidade hermenêutica admissível*. Ao apontar *uma diferença radical entre descobrir um território e descobrir um ser humano*, Sousa Santos, no nosso entender, abre, nessa época de «modernidade», as «Comemorações Quinhentistas», nas quais nos filiamos:

*... descobrir um ser humano implica reciprocidade. Quem descobre é descoberto. Se por qualquer razão essa reciprocidade é negada ou ocultada, o ato de descobrir, sem deixar de o ser, torna-se simultaneamente um ato de encobrir. A negação ou ocultação da reciprocidade assenta sempre no poder de negar ou ocultar a humanidade de quem é descoberto. Só assim é possível descobrir sem se descobrir, pôr a nu sem se pôr a nu, identificar sem se identificar, encontrar sem se encontrar, ver sem se ver. A modernidade é uma vasta tela de reciprocidades negadas: entre o sujeito e o objeto, entre a natureza e o homem, entre o civilizado e o selvagem, entre o sagrado e o profano, entre o indivíduo e o Estado, entre o patrão e o operário, entre o homem e a mulher, entre jovens e velhos. Os descobrimentos de Quinhentos são como que a metáfora fundadora da negação moderna de reciprocidade.*

Como em nossa proposta, desde o início deste trabalho, não contemplava a questão do descobrimento de território mas de ser humano, a leitura do texto de Sousa Santos legitima a nossa visão e o nosso propósito.

Agregamos, então, às descobertas dos alunos de que pouco ou nada sabem sobre o Espaço da Língua, a vontade demonstrada em participar do Núcleo de Estudo sobre a CPLP e partiremos para a sua concretização.

Nesse sentido, é preciso mobilizar as instituições de ensino superior, inicialmente as de Santos, depois as de outros lugares lusófonos, para a criação do Núcleo. Ele deve ser autônomo, com a participação de todos: alunos e professores dos três níveis de ensino, aberto à comunidade de língua portuguesa, em forma de intercâmbio. Julgamos que só através da troca poderemos nos conhecer, conhecendo os «outros», no sentido do descobrir apontado por Sousa Santos.

E com esses «outros» temos, ainda, a língua em comum. Já é um grande começo para a aproximação. Se as instâncias superiores dos Sete não avançaram desde 1996, com a oficialização da CPLP, esta é «a hora e a vez» de os académicos promoverem a união entre povos do espaço da língua, resgatando a cultura, em defesa da identidade lusófona. Aqui entra a mídia como grande aliada na comunicação das «descobertas».

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACCEGA, Maria Aparecida – *Palavra e Discurso. História e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.
- BACCEGA, Maria Aparecida – *Comunicação e linguagem. Discursos e ciência*. São Paulo: Moderna, 1998.
- CASTRO, Armando – *O sistema Colonial Português em África*. Lisboa: Caminho, 1978.
- CHAUÍ, Marilena – A universidade operacional. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9, mai., 1999, cad. 5, p. 3.
- COMITINI, Carlos – *África. O Povo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- DAMATTA, Roberto – A dualidade do conceito de cultura. *O Estado de S. Paulo*, 19, mai., 1999, p. D7.
- FERNANDES, Elena – José Eduardo Agualusa: «Fundamental para todos os países da nossa língua. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa, n. 628 p. 8-9, 1994.
- FERNANDES, Millôr – A barreira da língua comum. *Bundas*, n. 5, p. 5, jul., 1999.
- FERREIRA, Acylene Maria – Linguagem e Cultura. *Contemporaneidade e Educação*. n. 1, p. 153-172, mai., 1997.
- GONÇALVES, Adeldo – Idioma português perde influência no mundo. *SENAC-SP*, n. 6, p. 10-12, jul./ago/set. 1999.
- LOPES, Maria Immacolata V. – *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1997.
- MARQUES DE MELO, José – Uma comunidade cultural sem fronteiras físicas ou tecendo a Identidade cultural luso-afro-brasileira. *Comunicação & Sociedade*. n. 23, p. 9-24, jun. 1995.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús – In: *Comunicação e linguagem. Discursos e ciência*, prefácio, São Paulo: Moderna, 1998.
- MILANESI, Luiz Augusto – *O paraíso via Embratel*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MUNANGA, Kabengele – *África. O Povo*. prefácio. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- NICOLA, Caetano José de – *Língua, Literatura e Redação*. vol. 1, São Paulo: Scipione, 1993.
- NOGUEIRA, Júlio – *Os Lustadas de Luís de Camões*. São Paulo: Freitas Bastos S. A, 1960.
- SABOIA, Napoleão. Um elogio da diferença na sociedade de bits. *Jornal da Tarde*, 19, jun. 1999, Cad. De Sábado, p. 6D.
- SANTOS, Milton. O País Distorcido. *Folha de S. Paulo*, 2, mai. 1999, cad. 5, p. 3.

## INSTRUMENTO DE SONDAAGEM

1. Em que países do mundo o Português é a língua oficial?  
.....
2. Em uma palavra, caracterize a imagem que você tem dos países africanos.  
.....
3. Dê três referências sobre Portugal:  
.....
4. Quais os países membros da Comunidade de Língua Portuguesa?  
.....
5. O que Portugal representou para o Brasil:  
 colonizado                       aliado de guerra                       colonizador  
outro. Qual?
6. Dê três características da cultura africana:
7. Em que continentes estão localizados os seguintes países:  
 Angola                       Moçambique  
 Portugal                       Cabo Verde  
 São Tomé e Príncipe                       Brasil                       Guiné-Bissau
8. Aponte uma relação entre a História do Brasil e a de Portugal.  
.....
9. Assinale a data oficial de fundação da nação brasileira:  
 22 de abril                       07 de setembro                       15 de novembro                       21 de abril
10. As comemorações dos 500 Anos do Brasil, no ano 2000, estão relacionadas:  
 Independência                       Descobrimento  
 República                       Não sabe
11. Você participaria de um Núcleo de Estudo sobre a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa?  
 Sim                       Não

No caso afirmativo, você poderia dar seu nome e endereço para contato?  
(anotar no verso)

### Dados do entrevistado

Curso que frequenta ..... Ano do curso .....